

**Intervenção proferida  
na Sessão Legislativa de Maio de 2003  
Deputado Joaquim Machado**

## RECOLHIMENTO DE SANTA BÁRBARA: "NÓDOA NEGRA" EM PONTA DELGADA

Valorizar, recuperar e proteger o património regional, promovendo acções estruturadas e programadas com rigor. Assim reza um dos objectivos da política cultural que o Governo delineou. O princípio é nobre e generoso, considerando que "é na conjugação da herança com a criação que se dá seguimento a processos de valorização cultural, tanto em termos de enriquecimento de património já acumulado, como do potencial que se abre a partir das interpretações em realização permanente".

Na semana em que passa o Dia Internacional dos Museus, é bom de se dizer que um povo sem memória dificilmente traça rumos firmes.

Só olha com desdém o passado quem reconhece que já não tem futuro, quem é incapaz de ter gestos de gratidão, quem recusa a entender a perenidade da realização humana, ou, como diria o poeta, quem não distingue água benta de água corrente.

Avulta entre o património imóvel dos Açores um rico e variado conjunto de construções multi-seculares, que se distinguem na imponência da sua

arquitectura, na exuberância da sua decoração, como na relevância histórica da sua funcionalidade ou na singeleza dos seus fins.

Bem se pode inscrever nesta última categoria o Recolhimento de Santa Bárbara, em Ponta Delgada. Paredes meias com a igreja da mesma invocação, a sua construção remonta aos inícios do século XVII. Provavelmente já em 1662 aquelas instalações se destinavam a senhoras recolhidas, por obediência ao testamento do padre Roque Teixeira Fonseca, obedecendo a regras da Ordem Terceira de Santo Agostinho.

Desde os finais do século XVIII o Recolhimento de Santa Bárbara passou a albergar apenas pessoas seculares, situação que se manteve por 200 anos, quase até aos nossos dias. Os mais idosos na vida ainda se recordam do Recolhimento habitado e do zelo que as senhoras recolhidas emprestavam à igreja anexa, atestando as palavras do historiador e etnógrafo Urbano de Mendonça Dias: "ao entrar-se no Recolhimento de Santa Bárbara sente-se que se entra numa casa religiosa, onde o passado, aqui e ali, ainda vive intensamente".

Entretanto, o último recolhimento que resta dos que existiram em Ponta Delgada ficou devoluto e a Administração Regional decidiu criar ali uma extensão do Museu Carlos Machado, para instalação de salas com material didáctico, exposições temporárias, biblioteca e ateliers de trabalho para artistas. Sessenta por cento do valor do projecto já havia sido pago em 1996.

Mas o antigo Recolhimento de Santa Bárbara atrasou-se na prioridade da política cultural, na relação directa em que avançava a sua degradação.

O estado de insegurança daquele multi-secular imóvel, há muito classificado de interesse público, não demoveu a indiferença dos responsáveis da cultura ao longo dos últimos sete anos. Nem tão pouco a ameaça de ruir,

com imprevisíveis consequências patrimoniais e de danos físicos para quem ali transitar, arreprou a irresponsabilidade da governança.

O primeiro Plano da responsabilidade do PS, em 1997, já anunciava a “conclusão do projecto e execução da obra de restauro e adaptação do imóvel a extensão cultural do Museu Carlos Machado”. No ano seguinte, o Plano era mais determinante: “lançamento do concurso para adjudicação da empreitada, consignação da obra e arranque dos trabalhos”. Em 1999 o discurso oficial simulava que as obras iam em frente, só falando da “adjudicação da empreitada e início das obras de recuperação e adaptação a novas funções”, ficando a dúvida se estas já não eram as de extensão cultural do museu. Decorridos mais 365 dias, ainda assim, o tempo não foi suficiente para proceder ao arranque dos trabalhos, voltando o Governo Regional do PS, com o mesmo dislate, a prometer a “adjudicação da empreitada e início das obras” no Plano de 2000.

Tantas foram as promessas e a cera que a dita Santa desconfiou. Afinal, o concurso nunca foi lançado, a empreitada nunca foi adjudicada, nem sequer a parte restante do projecto foi paga, coisa que o Governo Regional queria fazer com os 20 mil contos inscritos nos Plano de 2001. De duas uma: ou o projecto não fora concluído, ou se foi, conforme prometido, no já longínquo ano de 1997, o Governo nunca pagou o que devia.

Mas pagar o projecto era devoção modesta para devoto tão fervoroso. Vai daí, mesmo sem dinheiro para fazer cantar a Santa, logo ali se fez promessa e acto de fé: a empreitada arranca em Setembro de 2001.

O tempo foi passando, passando, e passando e o Recolhimento de Santa Bárbara sem recolher a atenção da gente da governação.

Não era uma questão de fé. Nem tão pouco de finanças, porque as contas da paróquia rejubilavam hossanas e ninguém desconfiava que no Advento o sacristão se havia de por em fuga. À sexta é de vez, rezou o devoto Governo, prostrado aos pés da dita Santa. Para o ano de 2002, em vez dos prometidos 300 mil contos, pôs de lado 30 vezes menos, mas o que faltava em dinheiro, sobrava em vontade. E lá repetiu a promessa: “início dos trabalhos de consolidação e restauro”.

Esta vida de pecador dá cabo de mim – terá pensado o devoto. Quem promete seis vezes, uma mais há-de jurar. E pelo sétimo ano consecutivo o Governo repetiu “o início das obras” em 2003. Vá lá alguém acreditar, considerando que mais de 150 mil contos (750 mil euros) já foram destinados a uma obra que nunca arrancou... E antes de o galo cantar três vezes, o pecador voltou a negar a promessa: “não é possível avançar com a obra, atendendo às constricções [ou seriam contrições?] do Plano”, o dito diploma que tem escrito, preto no branco, “início da obra”. Como é possível ser regedor numa paróquia assim...!

Decididamente, aquele Recolhimento é uma “nódoa negra” em Ponta Delgada. Venha daí uma trovada para que o Governo se lembre de Santa Bárbara.